

Request # 14 of 134.

DT 453.M6 (sub)

ILL record updated to IN PROCESS.

Screen 1 of 2

CAN YOU SUPPLY ? YES NO COND FUTURE DATE:

ILL: 4499461 Borrower: ZCN RecDate: 900116 Status: PENDING 900123  
OCLC: 10872301 NeedBefore: 900215 RecDate: RenewalReq:  
Lender: VAO, VAO, MSU, \*FDA, EXW DueDate: NewDueDate:

242

1 CALLNO:  
2 AUTHOR: Mozambique. In  
3 TITLE: Mozambique, documentario trimestral.  
4 EDITION:

5 IMPRINT: Lourenco Marques, Imprensa Nacional de Mozambique.  
6 ARTICLE: bastos, maria henriqueta calcada: KOSI N'QUAIO... AGRANDE FESTA  
DO REI GUNGUNHANA

PLEASE AWAIT INVOICE

8 VERIFIED:  
9 PATRON: cervelho

10 SHIP TO: Interlibrary Loan  
Columbia University Libraries  
535 West 114 St.  
New York, NY 10027

The charges for this request

with a charge of \$4.60

Please await invoice.

18x  
CE  
1-29-90  
\$4.60

11 BILL TO: Same  
12 SHIP VIA: UPS  
13 BORROWING NOTES:  
14 LENDING CHARGES:  
15 LENDING RESTRICTIONS:

MAXCOST: \$20.00

DATE SHIPPED:

COPYRT COMPLIANCE: CCL

SHIP INSURANCE:

JAN 29 1990

Request # 14 of 134.

DT 453.M6 (sub)

ILL record updated to IN PROCESS.

Screen 1 of 2

CAN YOU SUPPLY ? YES NO COND FUTURE DATE:

ILL: 4499461 Borrower: ZCN RecDate: 900116 Status: PENDING 900123  
OCLC: 10872301 NeedBefore: 900215 RecDate: RenewalReq:  
Lender: VAO, VAO, MSU, \*FDA, EXW DueDate: NewDueDate:

242

1 CALLNO:  
2 AUTHOR: Mozambique. In  
3 TITLE: Mozambique, documentario trimestral.  
4 EDITION:

5 IMPRINT: Lourenco Marques, Imprensa Nacional de Mozambique.  
6 ARTICLE: bastos, maria henriqueta calcada: KOSI N'QUAIO... AGRANDE FESTA  
DO REI GUNGUNHANA

8 VERIFIED: OCLC  
9 PATRON: cervelho

10 SHIP TO: Interlibrary Loan  
Columbia University Libraries  
535 West 114 St.  
New York, NY 10027

MAXCOST: \$20.00

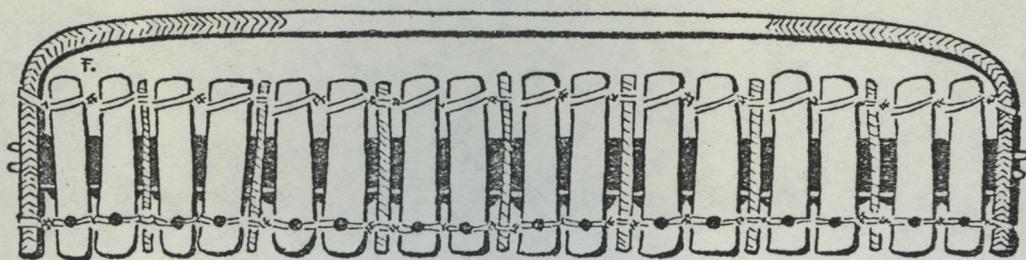
DATE SHIPPED:

COPYRT COMPLIANCE: CCL

SHIP INSURANCE:

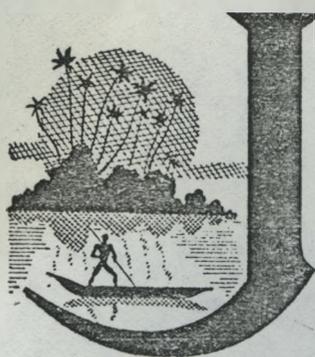
11 BILL TO: Same  
12 SHIP VIA: UPS  
13 BORROWING NOTES:  
14 LENDING CHARGES:  
15 LENDING RESTRICTIONS:

18x  
CE  
1-29-90  
\$4.60



## KOSSI N'QUAIO!...

### A GRANDE FESTA DO REI GUNGUNHANA



**J**À quarenta anos passaram sem que pelos sertões da Mussapa e Gaza voltasse a ressoar, ao longo dos esbraseados dias e das cálidas noites de Janeiro e Fevereiro — fremente e grave, bárbaro e majestoso, o cântico hierático... *Kossi n'quaio!* O *branco* veio, destroçou os bravos e altivos guerreiros das *impis*, prendeu e atirou para o exílio o neto do Manicusse... Mas de-lés-a-lés das terras que os mangúni trilharam na invasão, assolaram e submeteram, raziam, a lenda a um tempo heróica e tenebrosa de Mudungaz, o Gungunhana, perdura ainda, viva e palpitante...

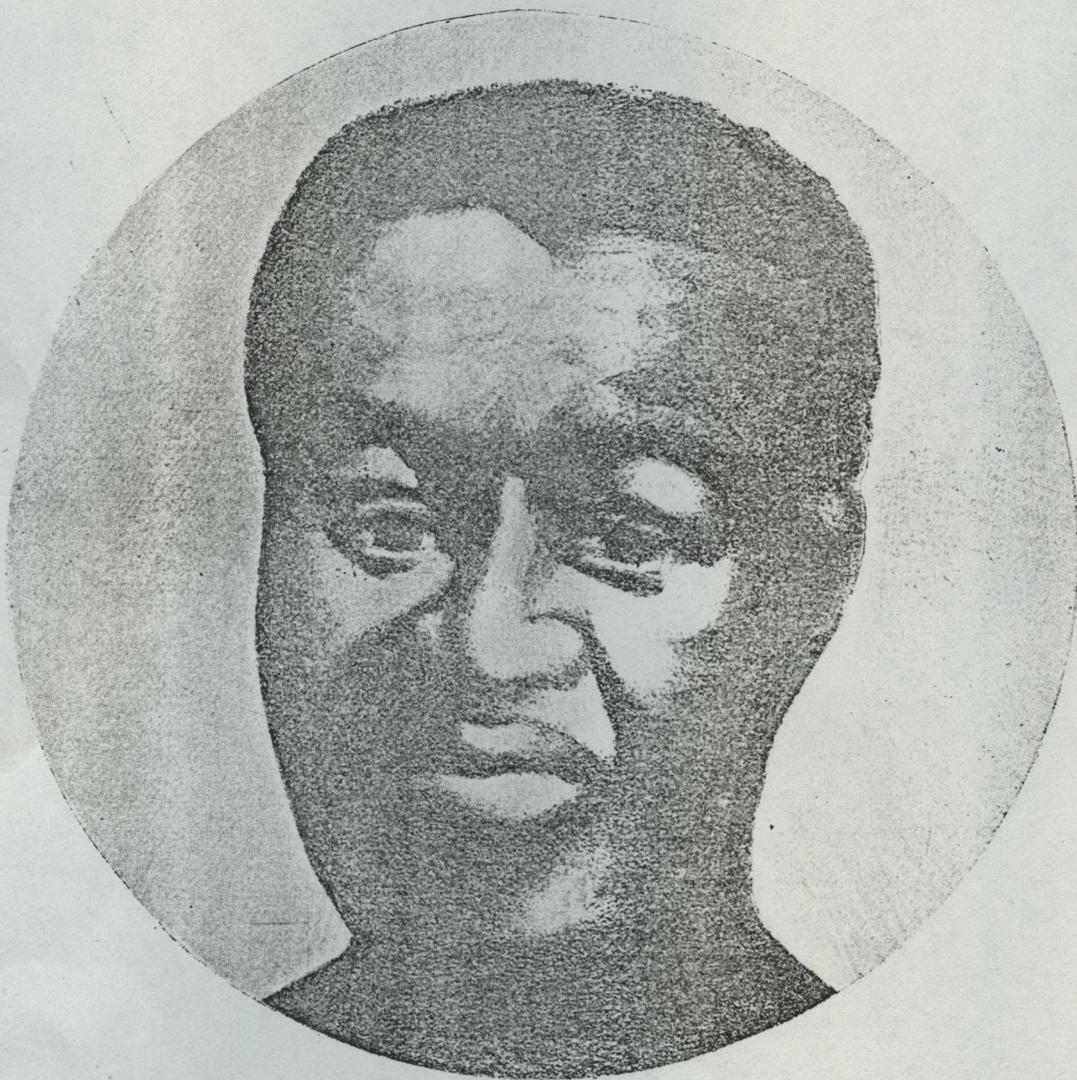
É com vingativa satisfação que os chopos de Quissico e Banguza cantam hoje ainda a cantiga em que amesquinham o Gungunhana vencido pelos *massòxuá* (soldados) brancos: o Gungunhana carne (isto é, caça abatida) dos soldados! Mas inconscientemente prestam à memória do déspota do manjacaze da Manguanhana a homenagem do seu pavor, quando, ao avistarem no horizonte as nuvens de gafanhotos — bastas

e implacáveis como outrora se derramavam pelas línguas e machongos férteis as emplumadas *impis* dos mangúni e màbuingela — cantam que êles vêm de Manjacaze, são os companheiros e filhos do Godide que chegam, assim disfarçados, para represália de antigas hostilidades e insubmissões...

Uma composição recente do poeta Jossia Lhanga, descendente da casa real dos bàlengue, rememora que «as terras eram dos bàlengue e que os mangúni queriam apossar-se delas»...

De-certo, os descendentes dos guerreiros de Magul e Coolela já não *sentem*, permanecem indiferentes quando os cocuanas desenrolam, numa gravidade que ressoa profundamente nas arcas dos peitos, o coral impressionante: «Giii... Hô! Hô!»... Êsses, são os que não viram os tempos épicos de vitórias e domínio!... Mas os velhos, os que tanta vez, no curral realengo, se possuíram da exaltação do *n'quaio*, os que alinharam nos *mukhumbi* às ordens dos grandes chefes de guerra — o Maguiguana, o Tobe, o Godide... — nesses, logo os primeiros compassos, mesureiros e subservientes, do cântico famoso, desenterram do passado a alma antiga...

Vimo-los, velhos e trôpegos — muitos dêles com quási um século — carapinhas chamuscadas da consumição dos anos, pele sêca e encarquilhada, olhos mortiços, alquebrados da fadiga da jornada (vindos de longe nessa mesma manhã), abatidos e enrodilhados — vimo-los ressurgirem da sua própria ruína, aprumarem-se, acenderem-se-lhes nos olhos fuzilantes lampejos, ganhar-lhes o rosto um misto de êxtase e ferocidade — e saltarem, irresistivelmente, curvando-se, brandindo a zagaia, soltando com sonoridade e firmeza o seu «Giii... Hô! Hô!» — vaga sonora do coral, temerosa e ribombante, que rola sôbre o marulho agudo das vozes das mulheres...

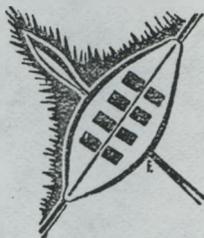


**Mudungaz, o Gungunhana**

(Reprodução dum óleo de Cunha e Andrade)

Estes, são os últimos redutos das grandes tradições do sertão, os despojos da epopeia vátua, derradeiras expressões perfeitas da alma africana, bárbara, tósca, com ríctus de crueldade, crispações ferozes, estranha, profunda e ardente — grandiosa!

Impossível, ao ouvi-los, não se estremecer — de surpresa, de emoção, dum alvoroço de pavor...



Não será já hoje possível reconstituir, pormenorizadamente, a grande festa do rei — *Kossi n'quaio*. As informações que obtivemos não nos consentem mais que tentar o esboço largo que aqui traçamos. Não nos deixaram dela descrição os poucos europeus que a teriam presenciado. E a quarenta anos de vista a reconstituição sôbre a tradição oral não pode deixar de ser grosseira. Nós próprios estamos convictos de que uma mais demorada e profunda investigação permitirá retocar, num ou noutro traço, o esquisso que apresentamos.

Procurámos averiguar se esta festa tem tradições entre os zulos e foi trazida pelos invasores de Manicusse, ou se foi criada já após o seu estabelecimento nas terras dos tongas. Julgamos, contudo, mais provável a segunda conjectura, e, mesmo, que a festa não data senão do reinado do Mudungaz. Ela seria — veja-se a êste respeito a obra de Junod — a adaptação mangúni da festa tonga do *luma bukanye*. É a



Tipos angonis, descendentes dos primeiros invasores mangúnis

diferença da essência e do ritual duma e outra distintamente marcam o contraste entre o génio tonga e o génio zulo, mangúni.

O *luma* era a festa das primícias, a purificação dos primeiros frutos, limpando-os do tabu. Segundo Junod, *luma* significa morder; «o seu sentido ritual é o de remover o carácter injurioso de um dado alimento, por uma certa cerimónia». Em tempos remotos, o *luma* aplicava-se não só a todos os frutos, mas a todos os alimentos. Depois, restringiu-se apenas a alguns, nem sempre os mesmos em cada tribo. Os próprios zulos e suázis o observavam, pelo menos antes da hoje ainda mal explicada convulsão que faria surgir, no espaço apenas duma



Homem de Manjacaze com traje de gala

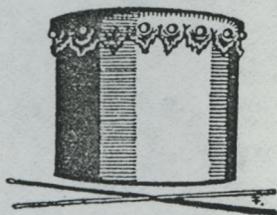
geração, de agricultores vivendo em comunidade patriarcal, guerreiros indómitos organizados num modelo de nação armada.

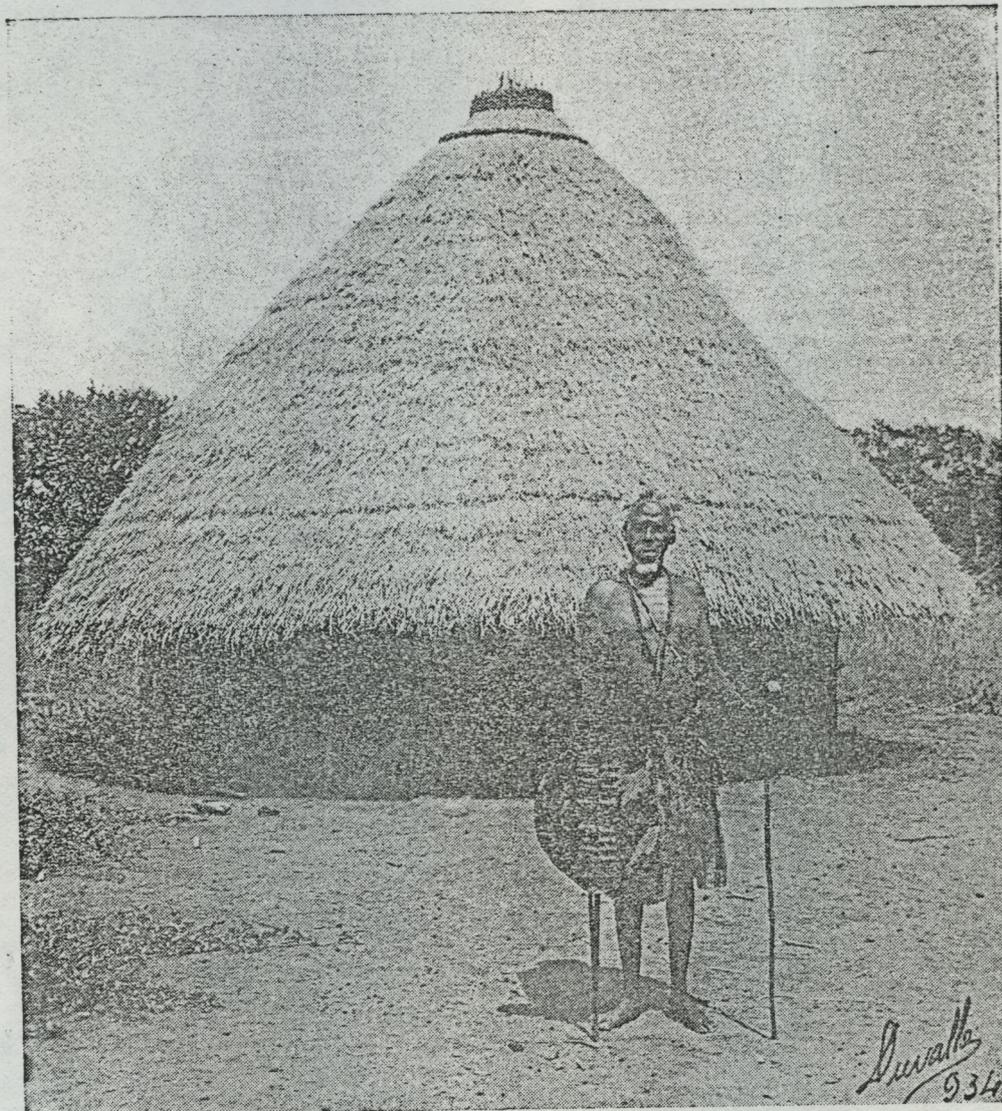
O mais importante *luma*, entre os tongas, era o do fruto dos ocanheiros — *bukanye*. Era geral a todas as famílias, e Junod rubrica-o de «grande festa nacional».

É em Janeiro que os ocanheiros frutificam. Um aroma penetrante espalha-se por todo o mato... O fruto, amadurado, cai ao solo... Então os homens procuravam o chefe e diziam-lhe: — Chegou o tempo do *luma*.

Ora, a esta festa tipicamente agrícola — que Junod descreve largamente — sobrepuseram os dominadores a festa do *n'quaio*, expressão pura de génio imperialista e bélico, exaltação do rei e do seu poderio, exaltação da guerra. Como em tantos outros aspectos, também aqui eles forçavam o quadro natural da alma tonga. É tão frisante a procura da absorpção dos vencidos, que foi da própria quadra do grande *luma* — meados de Janeiro a meados de Fevereiro — que fizeram o *mês do rei* — *nhanga-ya-kossi*.

Que a festa date apenas do reinado do Gungunhana, também se nos afigura muito provável. Embora alguns dos cânticos privativos da festa sejam muito antigos, o cântico principal invoca directa e particularmente o Gungunhana. No tempo do Muzila a cerimónia do *luma* realizava-se ainda, e os próprios dominadores tomavam parte nela.





Um descendente dos mangúni (Chibuto)

Parece que nas vésperas da festa, o Gungunhana enviava emissários proclamando o dia do início do *nhanga-ya-kossi*.

As povoações vizinhas vinham reunir-se no manjacaze. Ao chegarem, as famílias entoavam o cântico — as mulheres à frente, os homens atrás.

Eram as boas vindas...

Quando o régulo aparecia, com os seus *grandes* e as suas mulheres, saüdavam-no com o «Bayete!» vibrante. E a festa começava então, com a execução dos seis cânticos rituais.

As mulheres formavam em linha; à sua retaguarda, também em linha, os homens. Elas começavam:

*Gungunhana, kadi vemo, Gungunhá...*

E êles, brandindo a zagaia e o escudo, ora erguendo o busto, ora curvando-o, batendo fortemente o pé no chão, ritmicamente, entoavam o coral:

*Giii... Hô! Hô!...*

Êste era o cântico principal, o cântico *grande*. Tinha um carácter sagrado. Só durante o mês da festa podia ser cantado. Passada essa época, era formalmente proibido. O imprudente que ousasse entoá-lo sofria a morte.

É uma suposição muito espalhada, a de que o *n'quaio* — ou, no dizer vulgar, inquaio — era um cântico de guerra.

Não é verdade. Era o cântico de louvor do rei — da sua força, do seu poderio, do seu domínio.

A êste hino, seguiam-se cinco cânticos:

— *O Gungunhana é como as asas dum pássaro* — isto é, voa, chega a toda a parte.

— *Os guerreiros acabaram a guerra* — isto é, venceram, destruíram o inimigo.

— *Se quiserem fugir* (dizem os guerreiros) *fujam. Nós não, nós não fugimos...*

— *Nós somos guerreiros, ninguém pode vencer-nos! Não podem vencer-nos, mesmo que tenham muita força!...*

O sentido do quinto cântico perdeu-se; parece que era antigo, vinha já do tempo do Chaca.

O acompanhamento é sempre o mesmo nos seis cânticos, entoado pelos homens, cantando as mulheres a melodia.

Terminados os cânticos, um guerreiro saía das fileiras e começava, ao longo delas, declamando, ilustrando a sua narrativa duma mímica poderosamente sugestiva: gestos de ataque e defesa, fintas, o agachar caviloso da emboscada, a parada do escudo aos golpes do adversário — depois, fulgurante, o gesto de ferir, o azagaiar furioso, retalhante, do inimigo caído... A multidão escutava-o em silêncio. E êle regressava ao seu lugar, orgulhoso, cabeça alta. E vinha outro, depois outro...

Era o *chinguio*. Os guerreiros contavam os seus feitos de guerra — ardis, morte de inimigos, roubos de mulheres e de gado, saque de povoações... Os grandes campeões, aqueles cujas proezas eram tantas que já «não podiam ser contadas», limitavam-se, mudos, à mímica alucinada. E para êsses levantavam-se da multidão murmúrios admirativos, exclamações de aplauso, incitamentos...

Assim os guerreiros se exaltavam, preparando-se para as grandes



Guerreiro suázi



Belo tipo de velho landim



Mãbuingela, tonga vatualizado

razias que iam começar na lua seguinte. Depois, os cânticos voltavam a repetir-se.

Tal era a festa do *n'quaio*, que se prolongava pelo espaço de vinte e cinco a trinta dias. A bebida corria em perdulário caudal e nos cortelhos abatiam-se rezes para o grande festim da carne.

É indiscutivelmente verídico que tinham lugar sacrifícios humanos. Pôsto que com divergências quanto ao ritual observado, todos os nossos informadores afirmaram o facto.

Segundo uns, os sacrifícios faziam-se apenas na noite final. Mas é possível que se executassem mais vezes no decurso da festa.

As vítimas eram um rapaz e uma rapariga. Há quem afirme que o sacrificio era realizado por mutilações, arranque de certos órgãos, tanto no rapaz como na rapariga. Outros negam, dizendo que os sacrificados eram mortos na corte, do mesmo modo que o bezerro e a vitela que também serviam ao sacrificio.



Velho régulo dansando

Fôsse como fôsse, o acto tinha sempre lugar de noite, a ocultas. Os quatro corpos eram cortados em pedaços, que se misturavam, de modo que ninguém poderia saber se a posta que lhe coubera era de carne humana, ou não.

De manhãzinha fazia-se a distribuição, de que participavam apenas os rapazes novos, de 15, 16 anos,

que chegavam à idade de servir no exército. Os bocados de carne eram espetados num pau e o «iniciado» — pois trata-se dum rito de iniciação — colhia-os com a bôca, sem poder tocar-lhe com as mãos. Outros dizem, no entanto, que as postas eram espetadas em zagaias e atiradas por estas para o grupo dos iniciados.

Compreende-se já que êste rito se funda na crença de que o guerreiro se fortalece, se possui dum valor e duma coragem invencíveis, desde que tenha comido carne humana. Um rito semelhante, sem, porém, os sacrifícios, era o do «remédio do ódio», ministrado aos guerreiros do Maputo que partiam em campanha.



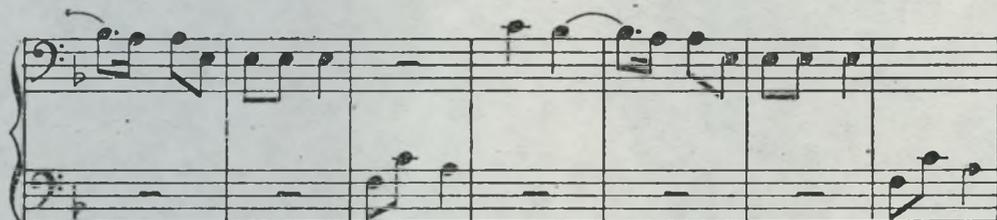
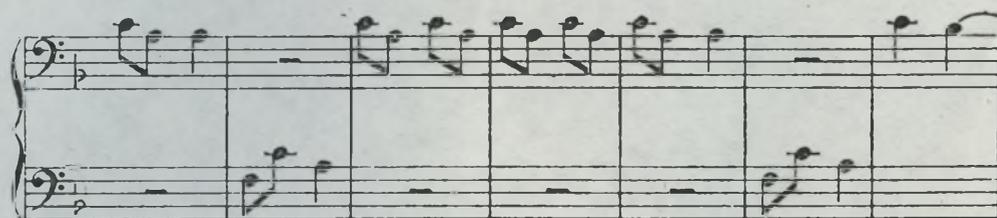
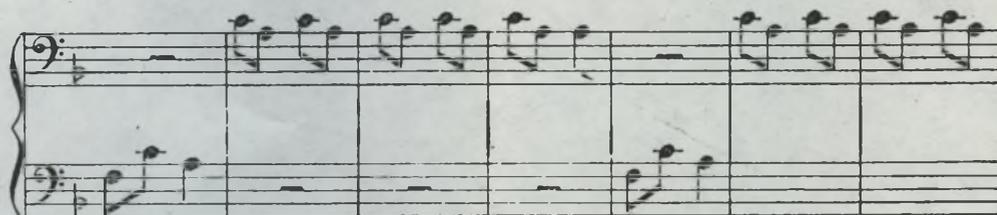
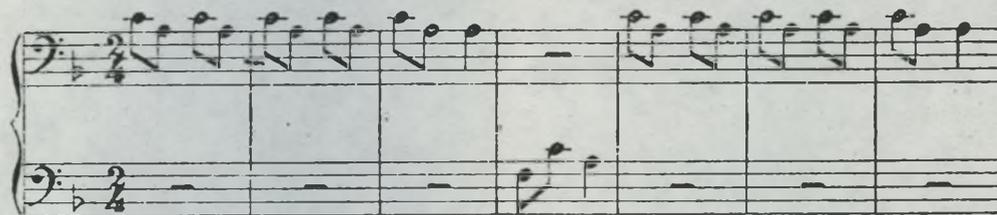
Musicalmente, o famoso cântico resume-se quási em três notas, duas das quais se repetem constantemente. Apresentamos duas versões, que diferem ligeiramente, uma recolhida em Magude, outra em Manjacaze, sendo a esta que especialmente nos reportamos, pois a cremos merecedora de mais crédito.

Melodia monótona, tem como única variante uma frase no final, que também sofre uma pequena alteração de ritmo. A nota mais grave dessa frase desce à sensível com 2 tempos e meio de duração, para imediatamente as segundas vozes atacarem de novo, sucessivamente, as três notas do acorde de que, afinal, se compõe a canção — ou seja, do acorde perfeito sôbre a tónica.

Apesar desta pobreza, o efeito do coral é verdadeiramente impres-

sionante. A parte das 1.<sup>as</sup> vozes, mulheres, tem alguma coisa de subser-  
viência, de servilismo, de bajulada lisonja. Cantavam-na baloiçando o  
busto em pequenas vénias, os braços soerguidos e como que marcando

### N'QUAIO



*(Manjacaze)*

## N'QUAIO

Gun gu nha no Ka di vê moGungu nhã wê no wa Gun gu nha và fá

si no ma dõ dà Sing gai ô m'lunguô sê swazi ni to ha Kua hê lô ban

un gu Ku lu hê la É É wê no Kai ai ô É É wê no Kai ai ô

Gi hô hô Gi hô hô Gi hô hô

(Magude)

o compasso. Mas o côro dá ao cântico nobreza, majestosa grandiosidade, sibilando na pronúncia do «Giii» para rolar depois, sonoramente, no «Hô! Hô!»...

É curioso que o sentido das palavras é já obscuro, de difícil interpretação. Com todas as reservas, o sentido é êste: o Gungunhana domina toda a gente; o avô, Manicusse, veio dos lados da Suazilândia, terra de gente muito forte... Parece haver uma insinuação capciosa:

não gostavam dêle, do Manicusse, quando chegou e tomou conta das terras... Mas agora gostam, dêle Gungunhana...

A canção termina por uma aclamação, *Kossi n'quaio!* — que na versão de Magude aparece assim: *Wena quaiiao!*

MARIA HENRIQUETA CALÇADA BASTOS

e

C. MONTEZ

